

# Invenção e *sinthoma*<sup>1</sup>

**CHARLES-HENRI CROCHET**

Considerar, à maneira de Jacques-Alain Miller, “que uma literatura que especula sobre o sintoma, que o imita, é constituída de forma totalmente diferente daquela que se funda sobre a fantasia”<sup>2</sup> implica, para o corpo falante, consequências diferentes. O século XXI, em especial, dá corpo à segunda solução. Outras vias se engajam numa invenção menos *ready-made*. Em literatura, Joyce contra Sade, nos dá seu alcance.

O Marquês compõe com sua fantasia. Esse *oculus* através do qual olha o mundo é uma interpretação do desejo do Outro. Como um escriba, Sade copia “a épura”<sup>3</sup> de uma “fábula”<sup>4</sup> congelada no cruzamento do desejo com a lei. Testemunha “uma técnica orientada para o gozo sexual”<sup>5</sup>, verdadeiro tratado didático sobre a arte da perversão. O sentido pulula, os sentidos se agitam. Isso gira em círculos, ronca, range, até o “grelhado”<sup>6</sup>. Desde as primeiras páginas de *Justine ou os males da virtude* apreende-se “seu extravagante sistema”.<sup>7</sup> De fato, ele se dedicará a reescrever *Justine*... incansavelmente. Entregando-se impetuosamente a um trabalho colossal, ele opera uma prodigiosa exploração do imaginário à qual Lacan recorrerá em seu primeiro ensino. Do limbo da fantasia, Sade faz “literatura experimental”.<sup>8</sup>

Do lado de Joyce, a malha literária é totalmente outra. Sua invenção desafia a fantasia. A trama tecida por James Joyce não limita seu trabalho de escrita, pois aporta a estrutura mesma do sintoma. O *Dublinenses* se apoia em sua cidade<sup>9</sup> e na História, “pesadelo do qual tenta despertar”<sup>10</sup>, mas para melhor se apoiar na letra.

Desde os primeiros ensaios teóricos de Joyce até *Finnegans Wake*, Lacan destaca “que uma certa relação com a fala lhe é cada vez mais imposta”<sup>11</sup>. Essas “epifanias”<sup>12</sup>, espécies de gemidos, silvos, barulhos estridentes da língua que se faz estranha e estrangeira, o engajam num labor titânico. O herói das letras é então conduzido “a desafiar a gramática”<sup>13</sup>. Ele desarticula as línguas, decompõe a língua inglesa. Quebra a frase, esmaga o significante, e isso até “dissolver a linguagem”, pulverizando assim toda “identidade fonatória”<sup>14</sup>. No leito da letra, Joyce refunda a literatura e engendra assim um estilo a nenhum outro semelhante.

Ensinado pela arte de Joyce, Lacan negociará uma virada epistêmica consequente para a psicanálise. A escrita de Joyce revela a essência mesma do sintoma, segundo sua raiz helênica<sup>15</sup>, - nomeado novamente *sinthoma* por Lacan -, que se torna assim a fabricação de uma medida com a qual se mensura um fim de análise.

Joyce decifra seu enigma à luz não de um porquê existencial, mas de um *como fazer* com o corpo falante. Em Joyce, o significante e o corpo se disjuntam. O imaginário desliza e “só pode cair

fora”<sup>16</sup>. Ele será testemunha dessa delitescência<sup>17</sup>. Em seguida a uma surra aplicada por seus pares, ele é despojado de seu envelope. Esse corpo que cai como uma casca ele o enlaçará, para fazê-lo se sustentar no entrelaçamento da escrita.

Sua dimensão criadora é de uma precisão literalmente cirúrgica. Ele inscreve sua arte no ponto mesmo em que a função simbólica falta. Para Joyce, esclarece Miller,

A língua não conseguiu se ordenar no regime do pai, e então ela se pôs a murmurar com ecos. A hipótese de Lacan é que este era o *sinthoma* de Joyce e que ele soube convertê-lo em produto de sua arte. Ele acolheu seu sintoma para fazer uso dele<sup>18</sup>.

Querendo um nome, fazendo uso desse nome, Joyce compensa um pai fundamentalmente carente. Atrelado a um trabalho vital ao pé da letra, ele sustenta seu nome próprio disjunto do pai.

De sua solução *sinthomática*, Joyce faz um objeto de transmissão que, segundo seu voto, mobiliza os universitários. No apogeu de sua arte, ele encarna esse modo do escrito “a-não-ler”<sup>19</sup>. Em uma leitura pública de *Finnegans Wake*<sup>20</sup>, ele oferece o precioso de seu ser, o agalma de sua arte: Ouve-se aí, pela primeira vez: a flexibilidade; a audácia; a multiplicidade dos papéis; do grave ao agudo; do cochicho ao grito; [...] A récita de *Finnegans Wake* lido por Joyce [é] uma chave do mundo futuro<sup>21</sup>.

## Notas

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em Scilicet: O Corpo Falante – Sobre o Inconsciente no Século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 180-183, 2016. Tradução: Cássia M.R. Guardado. A coordenação da 25ª. Jornada da EBP-MG agradece ao autor, psicanalista, membro da ECF-AMP, pela gentileza da sua autorização para publicação neste Boletim.

<sup>2</sup> MILLER, J.-A. Extraits de la discussion après l’exposé de J. Aubert: “Galerie pour un portrait” aux “Conférences du Champ freudien”. *Analytica*, Paris, n. 4, p. 16, 1977.

<sup>3</sup> LACAN, J. Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998. p. 798.

<sup>4</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE. 1988. p. 256.

<sup>5</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, cit., p. 243. Na presente edição em português, falta a palavra sexual (N.T.).

<sup>6</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1992. p. 73.

<sup>7</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, cit., p. 246.

<sup>8</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, cit., p. 246.

<sup>9</sup> Cf. AUBERT, J. Introduction Générale. In: JOYCE, J. *Oeuvres*. Paris: Gallimard, 2006, p. XX-XXVI (Col. Bibl. de la Pléiade, t. 1).

<sup>10</sup> JOYCE, J. Ulysse. In: \_\_\_\_ *Oeuvres*, cit., t.2 p. 38.

<sup>11</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: JZE, 2007, p, 93

<sup>12</sup> JOYCE, J. Stephen le Héros. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres*, cit., t 1, p, 512.

<sup>13</sup> MILLER, J.-A . Extraits de la discussion après l'exposé de J. Aubert: "Galerie pour un portrait" aux "Conférences du Champ Freudien", cit., p. 16.

<sup>14</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma*, cit., p. 93.

<sup>15</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma*, cit., p. 158

<sup>16</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma*, cit., p. 147.

<sup>17</sup> JOYCE, J. Portrait de l'artiste en jeune homme. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres*, cit., t. 1, p. 611.

<sup>18</sup> MILLER, J.-A. *Curso de orientação lacaniana: Piezas Sueltas (1997-1998)*. Buenos Aires: Paidós, 2013. cap. 2, p. 38. Lição de 24 de novembro de 2004.

<sup>19</sup> LACAN, J. Posfácio ao seminário 11. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZ, 2003. p. 504.

<sup>20</sup> OGDEN, C. K. James Joyce reads "Anna Livia Plurabelle" from *Finnegans Wake* (1929). Cambridge: Studio Orthological Society. Disponível em: <<https://archive.org/details/JamesJoyceReadsannaLiviaPlurabelleFromFinnegansWake1929>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

<sup>21</sup> SOLLERS, Ph. Comme si le vieil Homère... . *Le Nouvel Observateur*, Paris, 6 fev. 1982. Disponível em: <[www.pile-face.com/sollers/spip.php?article744](http://www.pile-face.com/sollers/spip.php?article744)>. Acesso em: 23 mar. 2015.